

Para uma reclassificação aspectual dos estados

Luís Filipe Cunha

Centro de Linguística da Universidade do Porto

No que respeita ao seu comportamento linguístico, constatamos que os estados estão longe de se enquadrar num paradigma único e fácil de descrever, constituindo, pelo contrário, uma classe aspectual bastante heterogénea e complexa.

Na realidade, as predicções tipicamente designadas como “estativas” ostentam uma grande variabilidade de padrões de comportamento que, como veremos no decurso do presente trabalho, reflectem importantes divergências ao nível do seu “perfil” temporal interno.

O objectivo central desta nossa comunicação será, pois, o de fornecer uma (re)classificação, tão adequada quanto possível, para os diferentes tipos de estados, procurando estabelecer critérios linguísticos que nos possibilitem sustentar, de forma fundamentada, tais distinções. Nessa medida, tomaremos como ponto de partida a discussão dos diversos “testes” propostos por Dowty (1979) para a diferenciação entre estados e eventos, demonstrando que alguns deles se revelam, em última instância, algo inadequados para o propósito que pretendem alcançar. Com vista a encontrar respostas para o referido problema, exploraremos a hipótese de que existem várias subclasses de estativos, caracterizadas por propriedades aspectuais específicas, capazes de dar conta das divergências observadas. Recorreremos, em particular, à oposição entre estados de indivíduo e estados de “estádio” (cf. Carlson, 1977; Chierchia, 1995; Kratzer, 1995) e entre estados “faseáveis” e “não faseáveis” (cf. Cunha, 1998; 2004). Finalmente, proporemos alguns critérios que se encontrem efectivamente em condições de descrever a distinção entre estados e eventos, justificando, assim, a pertinência da sua manutenção no quadro geral da descrição das classes aspectuais de predicções.

1. Os critérios de Dowty (1979) e a heterogeneidade dos estados

Um dos primeiros esforços para encontrar critérios de natureza linguística capazes de distinguir os estados das restantes classes aspectuais de situações foi empreendido por Dowty (1979). Tomando como ponto de partida algumas das ideias centrais avançadas por Vendler (1967), o autor procura desenvolver uma proposta de categorização para os diversos tipos de eventualidades baseada em diferenças concretas no que respeita ao seu comportamento em determinadas configurações linguísticas.

Os “testes” propostos para a distinção entre estados, por um lado, e eventos, por outro, são os seguintes:¹

A. Somente os não estativos são compatíveis com formas progressivas (cf. (1) vs. (2)-(4)):

- (1) * O João está a ser alto. (estado)
- (2) O João está a dançar. (processo)
- (3) O João está a comer a sopa. (processo culminado)
- (4) O João está a abrir o cofre. (culminação)

B. Em contexto “neutro”, somente os não estativos ostentam uma interpretação preferencial de habitualidade com o Presente do Indicativo; os estados parecem ser associados a uma leitura de “presente real” (cf. (5) vs. (6)-(8)):

- (5) O João é alto (neste momento / * habitualmente). (estado)
- (6) O João dança (# neste momento / habitualmente). (processo)
- (7) O João come a sopa (# neste momento / habitualmente). (processo culminado)
- (8) O João abre o cofre (# neste momento / habitualmente). (culminação)

C. Somente os não estativos são compatíveis com as formas do Imperativo (cf. (9) vs. (10)-(12)):

- (9) * João, sê alto! (estado)
- (10) João, dança! (processo)
- (11) João, come a sopa! (processo culminado)
- (12) João, abre o cofre! (culminação)

D. Somente os não estativos se podem constituir como complementos de verbos que remetem para a agentividade, do género de *convencer*, *persuadir*, *proibir* ou *mandar* (cf. (13) vs. (14)-(16)):

- (13) * O irmão convenceu o João a ser alto. (estado)
- (14) O professor proibiu o João de dançar. (processo)
- (15) A mãe persuadiu o João a comer a sopa. (processo culminado)
- (16) Os ladrões obrigaram o João a abrir o cofre. (culminação)

¹ Para a classificação dos eventos recorreremos aqui à terminologia proposta por Moens (1987), distinguindo processos, processos culminados e culminações.

E. Somente os não estativos podem co-ocorrer com adverbiais agentivos do tipo de *deliberadamente* ou de *voluntariamente* (cf. (17) vs. (18)-(20)):

- (17) * O João foi voluntariamente alto. (estado)
- (18) O João dançou voluntariamente. (processo)
- (19) O João comeu a sopa deliberadamente. (processo culminado)
- (20) O João abriu o cofre de propósito. (culminação)

No entanto, uma análise mais aprofundada das configurações linguísticas em questão revela que grande parte destes “testes” está longe de poder vir a ser considerada decisiva para a distinção entre estados e eventos. Na realidade, se muitos estativos se comportam de acordo com as predições efectuadas por Dowty (1979), outros parecem existir que se desviam inegavelmente do paradigma proposto. Assim, estados como o que se encontra representado nas frases de (21) a (25) não só suportam, sem problemas, a conjugação com o Progressivo (cf. (21)) e as diferentes manifestações de agentividade (cf. (22)-(24)), como, muito embora mantendo uma leitura preferencial de “presente real”, admitem, sem problemas, a expressão da habitualidade (cf. (25)):

- (21) O João está a ser amável.
- (22) João, sê amável!
- (23) A sua namorada pediu ao João para ser amável.
- (24) O João foi deliberadamente amável (com a sua namorada).
- (25) O João é amável (neste momento / habitualmente).

Tais observações forçaram Dowty a propor algumas alterações relevantes em termos de caracterização das predicções estativas, o que, em última instância, conduziu à necessidade de postular a redefinição da própria categoria aspectual em causa.

Na sequência da nova abordagem adoptada, Dowty defende uma reformulação do quadro categorial em que se inscrevem as eventualidades estativas. Nesse sentido, reconhece a existência de três tipos distintos de estativos: os estados de intervalo (*interval states*), cujo valor de verdade é aferível apenas em relação a intervalos de tempo (e não aos instantes que os constituem) e que, como tal, se caracterizam por se revelarem compatíveis com formas do Progressivo²; os estados verdadeiros em momentos que predicam “estádios” (*stage-level momentary states*), que, embora dependentes de intervalos, são obrigatoriamente verdadeiros em todos os “instantes” que os constituem; e os estados verdadeiros em momentos que predicam “objectos” (*object-level momentary states*), que, como vimos, se associam directamente a todos os

² Sublinhe-se que, na grande maioria das formalizações que recorrem a noções temporais para caracterizar classes aspectuais de predicções, a avaliação do valor de verdade de uma situação face a intervalos ou face a cada um dos instantes que os constituem é frequentemente invocada para modelar a distinção entre processos e estados (cf. Bennett e Partee (1978), Bennett (1981)). É nesse sentido que dizemos que esta subclasse de estados, tal como Dowty a apresenta, se parece aproximar muito dos processos. Retomaremos uma tal observação, embora em moldes bastante diferentes, na secção 3 deste trabalho.

momentos que caracterizam um dado “objecto”.

Embora Dowty (1979) adopte, de forma explícita, uma primeira tipologia para a subclassificação dos estados, reconhecendo, por conseguinte, a heterogeneidade que lhes está subjacente, deixa, contudo, importantes questões sem resposta. Destacamos:

- 1 – Quais são os “testes” linguísticos que nos permitem distinguir as diversas subclasses de estativos?
- 2 – Quais as propriedades semânticas que lhes correspondem?
- 3 – Como poderemos, afinal, diferenciar os estados dos eventos?

2. Estados de indivíduo vs. estados de “estádio”

A oposição que se estabelece entre predicados de indivíduo (*individual-level predicates*) e predicados de “estádio” (*stage-level predicates*) parece assumir particular relevância no que diz respeito à análise do comportamento ostentado pelas configurações de índole estativa. Tomando como ponto de partida algumas das propostas avançadas por Carlson (1977), Dowty (1979), Kratzer (1995) e Chierchia (1995) sustentam que uma tal distinção se reveste de enorme importância para a classificação das predicções estativas.

Os predicados de indivíduo aplicam-se directamente às entidades em causa, pelo que manifestam propriedades “permanentes” ou, pelo menos, tendencialmente estáveis. Isto significa que as características veiculadas pelos predicados em questão poderão acompanhar os indivíduos através do seu “percurso” no tempo e no espaço.

Os predicados de “estádio”, pelo contrário, estabelecem, com os indivíduos, uma relação obrigatoriamente indirecta, já que, por princípio, se encontram limitados à expressão das suas “manifestações” espacio-temporais. Nesse sentido, podemos afirmar que descrevem propriedades tipicamente transitórias ou episódicas, na total dependência de intervalos de tempo mais ou menos longos.

Com base nas observações de Kratzer (1995) e de Chierchia (1995), propomos os seguintes critérios que, para línguas como o Português, nos possibilitam distinguir entre estados de indivíduo e estados de “estádio”:

- A. Somente os estados de “estádio” parecem não estar sujeitos a quaisquer restrições no que diz respeito às suas possibilidades combinatórias com advérbiais de duração e de localização temporal (cf. (26)-(27) vs. (28)-(29)):

- (26) Ontem / no sábado, a Maria esteve contente. (estado de estágio)
- (27) A Maria teve febre durante três dias. (estado de estágio)
- (28) * Ontem / no sábado, a Maria foi portuguesa. (estado de indivíduo)
- (29) * A Maria soube latim durante três dias. (estado de indivíduo)

- B. Os estados de “estádio” parecem manifestar muito menores restrições do que os estados de indivíduo no que respeita à co-ocorrência com expressões locativas (cf. (30)-(31) vs. (32)-(33)):

- (30) A Maria esteve contente na escola. (estado de estágio)
- (31) A Maria teve febre em casa da avó. (estado de estágio)
- (32) * A Maria foi portuguesa na escola. (estado de indivíduo)
- (33) * A Maria soube latim em casa da avó. (estado de indivíduo)

C. Somente os estados de “estágio” se compatibilizam com adverbiais pontuais, dando origem a uma leitura preferencial de inclusão do adverbial no tempo da situação que descrevem (cf. (34)-(35) vs. (36)-(37)):

- (34) A Maria esteve contente às 5 horas. (estado de estágio)
- (35) A Maria teve febre às 2 da manhã. (estado de estágio)
- (36) * A Maria foi portuguesa às 5 horas. (estado de indivíduo)
- (37) * A Maria soube latim às 2 da manhã. (estado de indivíduo)

D. Só os estados de “estágio” admitem a quantificação por meio de expressões como *sempre que*, *todas as vezes que*, etc. (cf. (38)-(39) vs. (40)-(41)):

- (38) Sempre que está contente, a Maria põe-se a cantar. (estado de estágio)
- (39) Todas as vezes que tem febre, a Maria toma aspirina. (estado de estágio)
- (40) * Sempre que é portuguesa, a Maria fica contente. (estado de indivíduo)
- (41) * Todas as vezes que sabe latim, a Maria dá explicações aos seus amigos. (estado de indivíduo)

Se a oposição entre estados de indivíduo e de “estágio” parece perfeitamente adequada para explicar os contrastes, de índole eminentemente temporal, que acabámos de analisar, não se nos afigura, contudo, suficiente para dar conta de exemplos em que o comportamento de certos estativos se encontra muito próximo daquele que caracteriza os eventos, i.e., em que estarão em causa factores de natureza essencialmente aspectual. Referimo-nos à possibilidade de comparência de alguns estados com operadores que indiciam processualidade, como o Progressivo ou *começar a* (cf. (42)) e em estruturas em que predomina uma leitura de sucessividade, quer no contexto de orações com *quando* (cf. (43)), quer no de discursos linearmente ordenados (cf. (44)).

- (42) A Maria está / começou a ser simpática.
- (43) Quando os seus colegas lhe pediram ajuda, a Maria foi simpática.
- (44) O Pedro pediu ajuda. A Maria foi simpática e emprestou-lhe dinheiro.

Uma oposição de índole fundamentalmente temporal, como é a que nos permite distinguir estados de indivíduo e de “estágio”, não parece estar em condições, por si só, de responder satisfatoriamente aos diversos problemas colocados por exemplos como os ilustrados em (42)-(44). Uma reclassificação dos estados que faça apelo, de uma forma explícita, a propriedades aspectuais parece ser requerida nestes casos. É numa hipótese deste género que concentraremos a nossa atenção ao longo da próxima secção.

3. Estados “faseáveis” vs. estados “não faseáveis”

É curioso observar que, em circunstâncias apropriadas, alguns estativos parecem manifestar comportamentos que, tradicionalmente, são invocados na literatura para a caracterização dos eventos. Referimo-nos, por exemplo, à comparência sob o escopo de operadores cujo “*input*” supõe um certo grau de processualidade, como o Progressivo, *andar a* ou *começar a* ou à preferência por uma leitura de sucessividade no contexto de orações temporais com *quando* e de discursos linearmente ordenados (cf. Dowty, 1979; Vlach, 1981; Kamp e Rohrer, 1983, entre outros).

Para dar conta de casos como estes, Cunha (1998), (2004) propõe a inclusão da ideia de “faseabilidade” na conceptualização global das predicções estativas: graças à possibilidade de integração na Rede Aspectual, tal como formulada por Moens (1987), certos estados, a que foi dada a designação de “faseáveis”, podem ser convertidos em processos, “incorporando”, assim, o traço [+dinâmico], característico dos eventos.

É importante sublinhar, desde já, que a integração na Rede Aspectual – e a conseqüente “passagem” a processo – está limitada a determinados estativos, os de cariz “faseável”, não se assumindo, por conseguinte, como uma propriedade acessível a todos os elementos da referida classe. Os estados que se encontram impossibilitados de integrar a Rede e, assim, de manifestar comportamentos eventivos, serão designados “não faseáveis”.

Tendo em vista as observações precedentes, parece-nos lícito admitir a postulação de mais uma propriedade que nos irá permitir recategorizar as predicções estativas: a “faseabilidade”. Os estados “faseáveis” serão aqueles que ostentam a capacidade de integração na Rede Aspectual e de comutação em processos; os estados de carácter “não faseável”, pelo contrário, não manifestam tal propriedade, comportando-se sempre, e de forma obrigatória, como situações de natureza estativa, independentemente do seu contexto de ocorrência.

Vejamos os critérios que nos permitem distinguir estas duas subclasses de estados:

A. Somente os estados “não faseáveis” se revelam completamente incompatíveis com operadores aspectuais que requerem um “*input*” dinâmico, como o Progressivo, *andar a* ou *começar a* (cf. (45)-(46) vs. (47)-(48)):

(45) A Rita está a viver na Holanda. (estado faseável)

(46) O meu cão começou a ser agressivo. (estado faseável)

(47) * O João está a ter olhos azuis. (estado não faseável)

(48) * O meu casaco começou a ser verde. (estado não faseável)

B. Somente os estados “não faseáveis” estão de todo impedidos de comparecer, com o Pretérito Perfeito, nas orações principais de construções temporais introduzidas por *quando*, com uma leitura preferencial de sucessividade (cf. (49)-(50) vs. (51)-(52)):

(49) Quando saiu de Portugal, a Rita viveu na Holanda. (estado faseável)

(50) Quando viu o carteiro, o meu cão foi agressivo. (estado faseável)

- (51) * Quando foi para a praia, o João teve olhos azuis. (estado não faseável)
 (52) * Quando o tingi, o meu casaco foi verde. (estado não faseável)

C. Somente os estados “não faseáveis”, no Pretérito Perfeito, não parecem ser de todo admitidos em sequências de discursos linearmente ordenadas em que predomina uma leitura de sucessividade (cf. (53)-(54) vs. (55)-(56)):

- (53) A Rita casou-se. Viveu na Holanda durante dois anos. (estado faseável)
 (54) Levei o meu cão ao veterinário. Ele foi agressivo e mordeu-lhe a perna. (estado faseável)
 (55) * O Verão chegou. O João teve olhos azuis. (estado não faseável)
 (56) * Tingi o meu casaco. Ele foi verde. (estado não faseável)

D. Somente os estados “não faseáveis” ocasionam anomalia semântica quando se combinam com formas exprimindo habitualidade³ (cf. (57)-(58) vs. (59)-(60)):

- (57) A Rita vive habitualmente na Holanda. (estado faseável)
 (58) O meu cão é habitualmente agressivo. (estado faseável)
 (59) * O João tem habitualmente olhos azuis. (estado não faseável)
 (60) * O meu casaco é habitualmente verde. (estado não faseável)

Os diferentes critérios linguísticos que nos permitem identificar os estados “faseáveis” correspondem, como dissemos, a comportamentos comuns à generalidade dos eventos e, em particular, aos processos. Os exemplos que se seguem, envolvendo a referida classe aspectual, parecem confirmar uma tal observação:

- (61) A Maria está / anda / começou a chorar.
 (62) Quando o pai a deixou na escola, a Maria chorou.
 (63) O Pedro insultou a Maria. Ela chorou.
 (64) A Maria chora habitualmente / todos os dias.

Face a exemplos como os que acabámos de apresentar, coloca-se a questão de saber até que ponto os estados “faseáveis” diferem dos processos, de modo a poderem ser considerados estruturas verdadeiramente estativas. Ou, dito de uma outra forma, quais são, afinal, os critérios linguísticos que nos permitem diferenciar os estados dos eventos? Procuraremos encontrar respostas satisfatórias para este problema na próxima secção do presente trabalho.

³ Sublinhe-se, no entanto, que não é possível determinar, com total certeza, se o teste em questão se aplica à distinção entre estados “faseáveis” e “não faseáveis” ou à oposição entre estados de indivíduo e de “estádio”. Na realidade, os juízos dos falantes do Português Europeu por nós consultados parecem oscilar entre as duas possibilidades em apreço, e os dados de que dispomos não são inteiramente conclusivos a este respeito, pelo que nos parece bastante difícil, de momento, decidir por qualquer das hipóteses aqui avançadas. Sugerimos, no entanto, que o teste da habitualidade poderá funcionar, pelo menos parcialmente, como critério válido para as duas propriedades sob análise, na medida em que, como discutiremos mais à frente, na maior parte dos casos, ambas se encontram indissociavelmente ligadas.

4. Estados vs. eventos

Observámos que existem alguns estativos que, em circunstâncias apropriadas, manifestam certas características típicas dos processos. Defendemos, no entanto, que tais configurações são, na origem, de natureza estativa, sendo o seu comportamento eventivo resultado das possibilidades de derivação no interior da Rede Aspectual que conduzem à sua conversão em situações de tipo processual.

Para que a abordagem que aqui estamos a desenvolver possa ser considerada válida, no entanto, será fundamental encontrar critérios linguísticos que nos permitam identificar a classe dos estativos, distinguindo-a claramente da dos eventos. Os “testes” que se nos afiguram mais relevantes a este respeito são os seguintes:⁴

A. Somente os estados, no contexto do Presente do Indicativo, ostentam uma leitura preferencial de “presente real”, i.e., uma interpretação de natureza puramente temporal, embora alguns deles, como vimos, admitam também uma leitura de cariz habitual (cf. (65)-(67) vs. (68)):

- (65) A Maria é alta (neste momento / * habitualmente). (estado)
- (66) A Maria é simpática (neste momento / habitualmente). (estado)
- (67) A Maria está contente (neste momento / (??) habitualmente). (estado)
- (68) A Maria canta (# neste momento / habitualmente). (processo)

B. Somente os estados, no contexto do Imperfeito, recebem uma interpretação preferencial exclusivamente temporal; os eventos, pelo contrário, dão quase sempre lugar a leituras habituais ou semi-progressivas (cf. (69)-(71) vs. (72)):

- (69) Em 1999, a Maria era alta. (estado)
- (70) Em 1999, a Maria era simpática. (estado)
- (71) Em 1999, a Maria estava contente. (estado)
- (72) Em 1999, a Maria cantava (habitualmente / muitas vezes). (processo)

C. Somente os estados, no contexto de subordinadas temporais introduzidas por *quando* – mesmo nos casos em que se combinam com o Pretérito Perfeito –, ou incluem preferencialmente os eventos da oração principal com que co-ocorrem, ou dão origem a anomalia semântica. Os eventos, em idênticas condições, privilegiam uma leitura de sucessividade (cf. (73)-(75) vs. (76)):

- (73) * Quando foi alta, a Maria inscreveu-se no basquetebol. (estado)
- (74) Quando a Maria foi simpática, os colegas ajudaram-na. (estado)⁵

⁴ Dado que se constituem, tipicamente, como os eventos que mais se aproximam das predicções estativas, recorreremos aos processos para exemplificar as divergências relevantes nos critérios que a seguir apresentamos.

⁵ Sublinhe-se que a leitura relevante para frases como estas é a exclusivamente temporal; ignoraremos, por conseguinte, outros tipos de interpretações, como a causal, que requerem um tratamento diferenciado (cf. as propostas de Lascarides e Asher (1993)).

(75) ? Quando esteve contente, a Maria cantou e dançou. (estado)

(76) Quando a Maria cantou, todos a elogiaram. (processo)⁶

D. Somente os estados (e as culminações) são de todo incompatíveis com operadores aspectuais como *parar de* e *acabar de* (cf. (77)-(79) vs. (80)):

(77) * A Maria parou / acabou de ser alta às 5 horas. (estado)

(78) * A Maria parou / acabou de ser simpática às 5 horas. (estado)

(79) * A Maria parou / acabou de estar contente às 5 horas. (estado)

(80) A Maria parou / acabou de cantar às 5 horas. (processo)

Dados como os que acabámos de discutir justificam plenamente a manutenção de uma distinção clara entre estados e eventos. Na realidade, estes critérios revelam-nos que, seja qual for a subclasse a que pertençam, todos os estativos parecem ostentar comportamentos comuns, o que nos leva a encará-los, apesar das divergências bastante significativas que constatámos, como pertencendo a uma mesma categoria aspectual.

5. Argumentos em favor da proposta de reclassificação dos estativos

No sentido de aferir a adequação da proposta de reclassificação dos estativos que acabámos de apresentar, importa, antes de concluir, explorar alguns argumentos que se revelem capazes de a fundamentar. Assim, demonstraremos que, pelo menos em línguas como o Português, é possível encontrar representantes de cada uma das subclasses obtidas a partir da conjugação da distinção entre estados de indivíduo e de “estádio” com a oposição entre estados “faseáveis” e “não faseáveis”. Procuraremos igualmente atestar a relevância da presente classificação no que respeita à descrição apropriada para as diferenças entre construções predicativas envolvendo *ser* e *estar*.

5.1. As quatro subclasses de estativos

Tomando em linha de conta a conjugação entre os dois tipos de oposição que, segundo a proposta de análise que apresentámos, configuram a categoria dos estativos, obteremos quatro subclasses distintas deste tipo de predicções, a saber: estados de indivíduo “não faseáveis”; estados de indivíduo “faseáveis”; estados de “estádio” “não faseáveis” e estados de “estádio” “faseáveis”. A série de exemplos que a seguir apresentamos confirma uma tal predição, pelo menos para línguas como o Português.

⁶ Refira-se que, tipicamente, enquanto em (74) predomina uma interpretação inclusiva, i.e., o período de tempo em que a Maria é simpática precede e, em princípio, continua para além do intervalo em que os colegas a ajudam, em (76) deparamo-nos com uma interpretação em que a sucessividade é, sem dúvida, a relação preferencial: todos elogiam a Maria depois de ela ter cantado.

A. Estados de indivíduo “não faseáveis”

- (81) * O carro do Pedro foi espaçoso ontem / no sábado.
- (82) * O carro do Pedro foi espaçoso na Avenida da Boavista.
- (83) * O carro do Pedro foi espaçoso às 5 da tarde.
- (84) * Sempre que o carro do Pedro é espaçoso, ele leva-nos a passear.
- (85) * O carro do Pedro está / começou a ser espaçoso.
- (86) * Quando o estacionou, o carro do Pedro foi espaçoso.
- (87) * O Pedro comprou um carro novo. (Ele) foi espaçoso.
- (88) * O carro do Pedro é espaçoso habitualmente.

B. Estados de indivíduo “faseáveis”

- (89) * A Rita gostou de matemática ontem / no sábado.
- (90) * A Rita gostou de matemática na sala 11.
- (91) * A Rita gostou de matemática às 5 da tarde.
- (92) * Sempre que gosta de matemática, a Rita dá explicações aos colegas.
- (93) A Rita está / começou a gostar de matemática.
- (94) Quando mudou de professora, a Rita gostou de matemática.
- (95) A Rita passou para o 12º ano. Gostou de matemática e decidiu ir para a faculdade tirar esse curso.
- (96) A Rita gosta de matemática habitualmente.

C. Estados de “estádio” “não faseáveis”

- (97) A água do mar esteve fria ontem / no sábado.
- (98) A água do mar esteve fria na Costa Ocidental / a Norte do Cabo da Roca.
- (99) A água do mar esteve fria às 5 da tarde.
- (100) Sempre que a água do mar está fria, fico a tomar banhos de sol.
- (101) ??/* A água do mar começou a estar fria.
- (102) * Quando chegámos à praia, a água do mar esteve fria.
- (103) * Chegámos à praia. A água do mar esteve fria e fomos dar um passeio.
- (104) (??) A água do mar está fria habitualmente.

D. Estados de “estádio” “faseáveis”

- (105) A Maria esteve indisposta ontem / no sábado.
- (106) A Maria esteve indisposta no centro comercial.
- (107) A Maria esteve indisposta às 5 da tarde.
- (108) Sempre que está indisposta, a Maria toma chá de hipericão.
- (109) A Maria começou a estar indisposta.
- (110) Quando chegou a casa, a Maria esteve indisposta.
- (111) A Maria comeu dois quilos de lagosta. Esteve indisposta e foi levada de urgência para o hospital.
- (112) A Maria está indisposta habitualmente.

Os paradigmas que acabámos de apresentar sugerem fortemente – pelo menos para línguas como o Português – a viabilidade de cada uma das quatro subclasses de estativos resultantes da combinação das propriedades definitórias propostas nas secções 2 e 3. Isto significa que a distinção entre predicados de indivíduo e de “estádio”, por um lado, e a oposição entre estados “faseáveis” e “não faseáveis”, por outro, são propriedades que actuam em relativa independência.

5.2. *Ser vs. estar*

Autores como Mateus et al. (1989) defendem a ideia de que a distinção entre *ser* e *estar*, no contexto de construções predicativas, pode ser encarada como o reflexo da oposição, de âmbito mais geral, que se estabelece entre predicados de indivíduo e de “estádio”. Sob um tal ponto de vista, configurações envolvendo *ser* corresponderiam a estados de indivíduo, ao passo que estruturas integrando *estar* se constituiriam como estados de “estádio”. Este tipo de abordagem parece, à primeira vista, bastante interessante, na medida em que nos permite dar conta do facto de as configurações integrando *ser* descreverem, tendencialmente, situações de tipo “estável”, em contraste com as suas correspondentes envolvendo *estar*, que parecem remeter preferencialmente para eventualidades de cariz “episódico” (cf. (113)-(114) vs. (115)-(116)):

- (113) A minha casa é fria.
- (114) A Maria é loura.
- (115) A minha casa está fria.
- (116) A Maria está loura.

Uma proposta como esta enfrenta, no entanto, problemas difíceis de solucionar. Tomando em linha de conta os diferentes critérios apontados em 2, constatamos que os exemplos seguintes, embora envolvam *ser* na sua estrutura, ostentam o comportamento característico dos predicados de “estádio”:

- (117) O meu cão foi agressivo ontem / no sábado.
- (118) O meu cão foi agressivo no consultório do veterinário.
- (119) O meu cão foi agressivo às 5 da tarde.
- (120) Sempre que o meu cão é agressivo, prendo-o na casota.

O recurso à oposição entre predicados de indivíduo e de “estádio” não é suficiente para dar conta de exemplos como os que acabámos de apresentar. Vejamos porquê.

Se assumirmos que uma frase como “O meu cão é agressivo” se constitui como um estado de “estádio”, estaremos a afirmar, contra-intuitivamente, que ela será, sob um certo ponto de vista, totalmente equivalente a “O meu cão está agressivo”. Ora, os falantes do Português parecem atribuir a estas duas frases interpretações bem distintas: a primeira dá conta de uma propriedade “estável”, ao passo que a segunda remete, de preferência, para uma propriedade de natureza “episódica”.

Se, pelo contrário, encararmos a frase em questão como descrevendo um estado de indivíduo, não estaremos em condições de explicar os comportamentos em (117)-(120).

Se, porém, tivermos em consideração as interacções que observámos entre os dois parâmetros de classificação para as predicções estativas, obteremos uma solução para o problema em análise. Sublinhe-se que um estado como o representado na frase “O meu cão é agressivo” revela a capacidade de se converter em processo, i.e., é de cariz “faseável”, como a aplicação dos “testes” relevantes nos confirma:

- (121) O meu cão está / começou a ser agressivo.
- (122) Quando as visitas entraram na sala, o meu cão foi agressivo.
- (123) O carteiro entrou no jardim. O meu cão foi agressivo e mordeu-lhe a mão.
- (124) O meu cão é agressivo habitualmente / todos os dias.

Considerando que os estados “faseáveis” podem assumir o comportamento típico dos eventos e que estes, por natureza, se constituem como predicados de “estádio”, sugeriremos que é a “faseabilidade” inerente a frases como estas – e não o facto de descreverem, desde a origem, estativos de “estádio” – a principal responsável pelo comportamento em apreço.

Uma hipótese deste género permite, por um lado, preservar a proposta defendida em Mateus et al. de que todas as construções predicativas integrando *ser* correspondem, na base, a predicados de indivíduo, o que torna possível manter explícitas as intuições subjacentes à oposição entre frases como “O meu cão é agressivo”, que dão conta de propriedades “estáveis”, e frases como “O meu cão está agressivo”, que, por princípio, descrevem propriedades “episódicas”; e, por outro, solucionar, graças à assunção da sua prévia conversão em processos, a questão da capacidade manifestada por algumas das configurações em que ocorre o verbo *ser* de ostentarem um comportamento linguístico em muito semelhante ao dos predicados de “estádio”.

6. Conclusões

As configurações que tradicionalmente são concebidas como fazendo parte do conjunto dos estativos estão longe de constituir uma classe aspectual perfeitamente homogénea. O seu comportamento linguístico é bastante díspar, o que nos levou a considerar a necessidade de estabelecer subclasses no interior da referida categoria.

Procurámos, nesse sentido, demonstrar que a distinção entre predicados de indivíduo e de “estádio”, por um lado, e a oposição entre estados “faseáveis” e “não faseáveis”, por outro, – a primeira de índole predominantemente temporal, a segunda de cariz eminentemente aspectual – se constituem como as duas propriedades fundamentais no que respeita à subclassificação dos estativos. Finalmente, argumentámos em favor da ideia de que, apesar da sua diversidade interna, os estados se constituem como uma classe aspectual relevante, na medida em que foram encontrados critérios capazes de a identificar enquanto tal e de a distinguir dos restantes tipos de situação, viabilizando a pertinência da diferenciação entre estados e eventos.

Referências Bibliográficas

- BENNETT, M. e B. Partee (1978) *Toward the Logic of Tense and Aspect in English*, Indiana, Indiana University Linguistics Club.
- CARLSON, G., (1977) "A Unified Analysis of the English Bare Plural" *Linguistics and Philosophy*, Vol. 1: pp. 413-456.
- CHIERCHIA, G., (1995) "Individual-Level Predicates as Inherent Generics" in G. Carlson e F. Pelletier (eds.), *The Generic Book*, The University of Chicago Press.
- CUNHA, L. F., (1998) *As Construções com Progressivo no Português: uma Abordagem Semântica*, Dissertação de Mestrado, Porto, F.L.U.P.
- CUNHA, L. F., (2004) *Semântica das Predicações Estativas: para uma Caracterização Aspectual dos Estados*, Dissertação de Doutoramento, Porto, F.L.U.P.
- DOWTY, D., (1979) *Word Meaning and Montague Grammar*, Dordrecht, Reidel Publ.
- KAMP, H., e U. Reyle (1993) *From Discourse to Logic. Introduction to Modeltheoretic Semantics of Natural Language, Formal Logic and Discourse Representation Theory*, Dordrecht, Kluwer Academic Publishers.
- KAMP, H., e C. Rohrer (1983) "Tense in Texts" in R. Bauerle, C. Schwarze e A. von Stechow (eds.), *Meaning, Use and Interpretation of Language*, Berlim, Walter de Gruyter: pp. 250-269.
- KRATZER, A., (1995) "Stage-Level and Individual-Level Predicates" in G. Carlson e F. Pelletier (eds.), *The Generic Book*, Chicago, The University of Chicago Press.
- LASCARIDES, A., e N. Asher (1993) "Temporal Interpretation, Discourse Relations and Commonsense Entailment" in *Linguistics and Philosophy*, Vol. 16, Nº 5.
- MATEUS, M. H., et al., (1989) *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa, Caminho.
- MATEUS, M. H., et al. (2003) *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa, Editorial Caminho, 5ª Edição, revista e aumentada.
- MOENS, M., (1987) *Tense, Aspect and Temporal Reference*, Dissertação de Doutoramento, Edimburgo.
- VENDLER, Z., (1967) *Linguistics in Philosophy*, New York, Cornell University Press.
- VLACH, F., (1981) "The Semantics of the Progressive" in P. Tedeschi e A. Zaenen (eds.): *Syntax and Semantics, Tense and Aspect*, New York, Academic Press.